TEXTOS INDIGENISTAS

CURT NIMUENDAJÚ

INTRODUÇÃO
Carlos de Araújo Moreira Neto
PREFÁCIO e COORDENAÇÃO:
Paulo Suess

Edições Loyola

nimuendaju.org

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/nicolai

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

Nimuendajú, Curt, 1883-1945.
N618t Textos indigenistas : relatórios, monografias, cartas / Curt Nimuendajú ; introdução Carlos de Araújo Moreira Neto ; prefácio e coordenação Paulo Suess. -- São Paulo : Ed. Loyola, 1982.
(Coleção missão aberta ; 6)

Bibliografia.

1. Índios da América do Sul - Brasil I. Título.

82-1267 CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:
1. Brasil : Índios 980.41
2. Brasil : Povos indígenas 980.41
3. Índios : Brasil 980.41
4. Povos indígenas : Brasil 980.41

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

4

AS TRIBOS DO ALTO MADEIRA (1925)

J. Soc. Amer., n.s., Paris, *17:* 137-172, 1925.
De Paris, *17:* 137-172, 1925.

Os Torá

A primeira noticia sobre esta tribu data de 1716: Os Torá tinham descido o Madeira para atacar as aldêas de Canomá e Abacaxis e, sahindo no Amazonas, cahiram elles sobre as canôas que do Pará se dirigiam ao Solimões, em procura de cacao, saqueando-as e matando os tripulantes. Em represalia o capitão-mór do Pará, João de Barros Guerra foi no citado anno com una tropa ao Madeira e fez arraial na margem direita, junto à Ilha das Onças. Depois da morte desastrada deste chefe que falleceu debaixo de uma arvore que da margem cahiu encima da sua embarcação, o capitão Diogo Pinto e Gaia, e o sargento-mór Francisco Fernandes continuaram a perseguição dos Torá que enfim pediram paz que lhes foi concedida com a condição de se aldearem em Abacaxis. Outros foram transferidos para Porto de Moz, na bocca do Xingú (XXXIX, 43), mas a grande parte mais afastada da tribu que não fora attingida pela guerra conservou-se no sertão (XXII, 304; XXXVIII; 11, 12; XXXI, 29). Quando mais tarde os missionarios, acossados pelos

Múra, tiveram de abandonar o Madeira, transferindo a missão para o actual Itacoatiara, alguns chefes dos Torá não annuiram, voltando com os seus para o Rio Maicy, perto da foz do Rio Machado (VI). Pelo meiado do seculo XVIII o P. João Daniel (XVI, 173) os cita no Madeira, mencionando o seu distinctivo nacional que consistia numa linha preta da orelha ao canto da bocca. O conego André Fernandes de Souza (XLII, 428) os conheceu como moradores do Maicy, no começo do seculo XIX. Mais ou menos até á mesma epoca os actuaes Torá conservam ainda algumas tradições: Contam que habitavam antigamente tanto nas margens do baixo Machado como nas cabeceiras do Marmellos, occupando nestas ultimas o Rio Preto, affluente occidental do Paricá, cabeceira occidental daquelle rio, de onde existia uma via de communicação terrestre para o Rio Machado, mas que mais tarde se tornou impraticavel, devido ás hostilidades dos Parintintin. Até neste longinquo esconderijo os Torá se viam perseguidos pelos civilizados que lhes cercaram a aldêa, levando preso uns tantos indios para servirem de remadores aos moradores do Madeira. Na cachoeira do Paricá, os que tinham escapado da batida, fizeram uma tentativa desesperada para libertar os seus parentes: Puzeram-se de tocaia em ambas as margens da cachoeira; o batelão se approximou e o seu piloto quiz aportar acima da cachoeira para descer a embarcação na espia, quando se viu repellido por uma descarga de flechas. Conseguiu ainda atravessar para a outra margem, onde da mesma forma foi impedido a encostar. Não podendo mais subir contra a correnteza, esta arrastou o batelão pelo tombo da cachoeira abaixo, despedaçando-o de encontro ás pedras. Era exactamente o que os Torá da tocaia queriam, julgando que os presos, eximios nadadores, teriam assim uma bôa occasião para se salvar. Infelizmente, porém, estes achavam-se amarrados, e assim morreram nos turbilhões do Paricá os prisioneiros junto com os seus escravisadores. Contam os Torá que naquella cachoeira, de noite, ainda hoje pode-se, ás vezes, ouvir o estalo do Batelão nas pedras e os gritos de desespero dos seus tripulantes.

Mais tarde tratou-se de atrahir esta tribu para as diversas missões que o governo imperial fundara nas margens do Madeira. Em 1864 são mencionados como tribu dedicada á lavoura; em Crato existiam naquelle anno 125 Múra e Torá. Parece tratar-se daquella divisão da tribu que se fixára no baixo Machado, e que primeiro entrou em contacto permanente com os civilizados, o que motivou a fundação da missão de São Francisco pouco acima daquelle rio, na margem direita do Madeira. Neste logar os Torá soffreram bastante pelos ataques dos Parintintin (XXXVII: XLIV).

Neste meio de tempo a divisão da tribu localisada no Alto Marmellos conservou-se ainda retirado da civilização. A missão de São Francisco, apezar das hostilidades dos Parintintin, chegou, temporariamente, a uma certa florescencia (XXIII, 315). Aos Torá do Machado e Arára do Rio Preto seus primitivos habitantes, reuniu-se certo numero de indios Urupá e Jarú. Finalmente o missionario conseguiu transferir para lá tambem os Torá do Marmellos, accompanhados pelos seus alliados, os *Matanawi*. Infelizmente o estabelecimento pouco depois decahiu, devido á retirada do missionario e as epidemias que dizimavam os indios. O ultimo Torá da horda do Machado morreu por lá ha poucos annos; a hórda do Marmellos, com os *Matanawí*, se retirou de novo para o seu rio onde se fixou perto da sua foz. Variola, sarampo e catarrho continuaram a fazer victimas; quando começou a exploração dos seringaes do Alto Marmellos, estes indios cahiram em dependencia dos commerciantes que sem piedade os sacrificaram pelas febres perigosas daquella zona, obrigando-os a servirem de remadores. Assim, quando eu os deixei em 1923, restavam apenas 12 indios Torá de puro sangue, localizados em tres sítios: Fortaleza, Surupy e Cabeça d'Anta. Afóra destes existem na mesma região mais uns trinta e tantos mestiços de Torá com neo-brazileiros, e tambem com *Matanawí*. Elles são completamente civilizados e vivem pacificamente na sua pobreza, mantendo-se de pequena lavoura e da venda de alguma castanha que tiram no Alto Marmellos.

A sua lingua é nitidamente Capakúra, e não Tupí, como diz Brinton (VIII, 231).

Os Urupá

A tribu deste nome no Madeira provavelmente nada tem que ver com os Urupaya (Arupay) do Alto Xingú, parentes dos Yurúna (XXXIV, 398), e nem com os Urupá (Uarapá, Ituarupá, Arupá, Gurupá, Urupuya) do Tapajoz. P. João Daniel que descreve estes ultimos, tambem é o primeiro autor que cita os "Urupazes" do Madeira que se distinguiam por uma linha preta em roda da bocca (XVI, 173). Esta tribu contribuiu para a população de Borba e Itacoatiara, e mais tarde algumas familias desceram para a missão de São Francisco. Sobre a ultima sorte da tribu relata o Tenente O. F. Ferreira e Silva: De 1886-1888 habitavam estes indios nas cabeceiras do Rio Canaan, affluente oriental do Rio Jamary. Tiveram encontro com um explorador de seringa em 1900 e se mudaram para junto do barracão Bom Futuro onde a variola os reduziu a 40-50 cabeças que se retiraram para as cabeceiras do Rio

Pardo (XX, 25). A grippe acabou com os Urupá como tribu. Alguns individuos avulsos ainda persistem, especialmente na Colonia Rodolfo de Miranda, no Alto Jamary, onde o Serviço de Protecção aos Indios reuniu os miseros restos das tribus daquella zona toda.

Os Jarú

A lingua desta tribu se distingue da dos Urupá apenas por algumas formas dialecticas, segundo o meu informante Urupá. Mas, contrario a estes que sempre foram tidos como mansos e pacíficos, os Jarú antigamente tinham a fama de hostis e anthropophagos (III). Como aquelles seus parentes, os Jarú estão hoje, como tribu, extinctos. A sua sede primitiva era ao Oeste do Machado, entre os seus affluentes Jahrú e Anary (XXV, 8). O seu contacto com os civilizados aos quaes elles serviam ás vezes como remadores, se effectuava pelos seringueiros do Rio Machadinho, affluente do Machado, abaixo do Anary. Em 1915 existiam por lá ainda alguns individuos avulsos desta tribu; outros poucos acham-se actualmente na Colonia Rodolfo de Miranda.

Torá, Urupá e Jarú pertencem á familia linguistica Capakúra, da qual provavelmente tambem fazem parte os Arikém do Jamary e os Arára do Rio Preto.

Os Múra

De todas as tribus da Amazonia foi esta a que mais extenso territorio occupou, espalhando-se das fronteiras do Perù até o Trombetas. A sua sede primitiva, porém, foi no Rio Madeira. A ganancia dos civilizados (XVI, 165; VI) transformou ella de pacificos pescadores num terrivel flagello que durante mais de 100 annos pesou sobre grande parte do actual Estado do Amazonas, e com especialidade sobre a região do Madeira. Os Múra forçaram os jesuitas a transferir a sua missão Abacaxis sucessivamente do Mataurá para o Caiomá, para o Abacaxis, para um ponto pouco abaixo do Furo do Ganomá e, finalmente, para Itacoatiara no Amazonas. A primeira expedição que pelo Madeira subiu ao Matto Grosso, chefiada pelo sargento-mór João de Souza, teve com os Múra encontros reunidos, de cara á cara, nos quaes os indios foram repellidos com grande morticinio, causado pela desegualdade das armas (VI). Evitaram depois os encontros abertos e começaram aquella guerra de emboscadas na qual se tornaram tristemente celebres. Em 1749 a expedição de José Gonçalves da Fonseca teve com esta tribu diversos encontros; a zona perigosa começava então pouco

acima de Borba (XXII, 292 ss.); para cima, porém, não passavam da foz do Jamary (XXXI, 30). Mais ou menos no tempo da viagem do ouvidor geral Ribeiro Sampaio, 1774-1775, a expansão dos Múra alcançou o seu auge (XXXVIII, 3, 11 ss.); As forças do governo que annualmente atacavam estes indios em suas aldêas, debaixo das maiores atrocidades (VI), nenhum alivio traziam para a zona exposta ás suas invasões. Da mesma forma os Múra atacaram o geographo Lacerda e Almeida em 1781, pouco acima da foz do Anhangatini, hoje Atininga (XXVI, 22; V, 299).

Em 1784, porém, esta tribu fez, inesperadamente, as pazes com os civilizados em Santo Antonio do Maripy, no Baixo Yapurá (XXIV; VI). É caracteristico para a situação dos civilizados que a crença popular attribuiu este sucesso não ás expedições militares e sim ás fervorosas preces do bispo D. Fr. Caetano Brandão. Talvez esta paz fosse motivada antes pela expansão dos Mundurukú que invadiram naquella epoca a zona do Madeira, descendo pelo Canomá e fazendo entre os Múra horrorosas carnificinas (XXIV; XLI, 348). Em Borba onde em 1775 se fundou um posto militar para proteger os moradores e viajantes contra as suas hostilidades, elles se refugiaram, 10 annos depois, procurando a protecção dos civilizados contra aquella tribu inimiga, e em 3 annos o numero dos Múra neste logar elevou-se a 1000 cabeças. No começo do seculo XIX as relações parecem ter sido geralmente boas; ao menos o conego André Fernandes de Souza que se refere a elles naquella epoca, nenhuma menção faz de hostilidades recentes. Como nucleos desta tribu elle cita o Rio Aripuanã; a aldêa do Severino, na Ilha do Mandiis, 6 leguas acima; Matupyry, Jatuarana, Capaná, Baetas, Lago do Antonio (XLII, 426 e Tres Casas (XLII, 427). Segundo o seu dizer eram os Múra os unicos indigenas respeitados pelos civilizados (XLII, 431). Mais tarde, porém, provavelmente pelo desvanecimento deste respeito (VI), recomeçaram os Múra as suas depredações no Madeira. Especialmente o relatorio do Presidente Tenreiro Aranha de 1852 contem (XLIII, 23, 25; 90, 97, 99) numerosas queixas contra os membros desta tribu que commettiam horrendos crimes contra pessôas indefesas. O presidente dipoz que fosse reforçado o posto militar do Mataurá e installada uma ronda fluvial em embarcação bem armada, para prender os malfeitores. Ao mesmo tempo concedeu-se a somma de 1.308$000 para a catechese dos Múra (e Mundurukú) do Madeira. As ultimas hostilidades de que tenho noticia no Madeira se deram em 1855, quando os Múra do Capaná mataram um soldado e dois escravos do missionario de Crato, reunindo-se depois na Ilha das Onças com o designio de atacarem os transeuntes (XIII).

Por diversas vezes o governo mandou missionarios para a catechese dos Múra do Madeira, o primeiro, em 1854, para a missão de São Pedro (margem direita, acima de Humaytá) (XX). Contava-se alli em 1864: 93, em 1874: 75 e em 1876: 90 Múra, mas com a retirada do missionario neste anno a aldêa decahiu logo (III; XXXII; XXX). Em Crato (onde se achavam segundo um relatorio de 1856, Mundurukú e Múra, segundo outro de 1857 Múra e Karipúna, e segundo um terceiro de 1864 Múra e Torá em numero de 125) o missionario, logo depois da sua chegada, adoeceu e nada conseguiu (I; XV; III).

Uma outra missão de Múra, Torá e Genipapo (?), pouco florescente, foi visitada por João Severiano de Fonseca (XXIII, 315) em 1876 no Manicoré. Destas missões nada perdurou até a epoca actual. Hoje os Múra do Madeira encontram-se nos nucleos seguintes:

1. Lago do Jacaré, margem direita do Madeira, pouco acima de Sapucairoca.

2. Lago Arary, margem esquerda do Madeira, defronte ao primeiro. Estes nucleos de Sapucairoca parecem ter sido sempre os mais numerosos, pois contavam em 1849 : 277, em 1856 : 457 e em 1864 : 409 Múra (XII; XVII; I).

3. Rio Aripuanã: Num affluente da margem esquerda do curso inferior deste rio consta-me existir uma maloca desta tribu.

4. Mataurá: Neste rio existe uma aldêa no logar denominado Cidade.

5. Manicoré: Dentro do rio deste nome acha-se a aldêa Salsal com 28 indios em 1918. Em 1864 contavam-se alli 442 (I). Partes delles fugiu em 1922 para junto dos Múra-Pirahá do Baixo Maicy (Marmellos), e com individuos deste bando organizei o meu vocabulario.

6. Capaná: Dentro deste rio mora ainda um pequeno bando de Múra.

7. Baetas: O aldeamento, junto do povoado neo-brasileiro, no barranco da margem esquerda do Madeira, contava em 1918: 101 indios.

8. Acará: No curso superior deste rio que desembocca pouco acima de Baetas, habita um bando de Múra, mas não consegui saber com certeza se são ou não os mesmos da aldêa de Baetas que por lá passam parte do anno.

Os Múra-Pirahá

Os Múra-Pirahá formam uma subtribu com dialecto pouco divergente. Na litteratura acho-os apenas mencionados no relatorio do Presidente Ferreira Penna de 1853 ("Pirianaus"), e na descripção da viagem de 1873 de James Orton (XXXVI, 470: "Piarrhaus"). Entre os seus vizinhos elles tem os nomes seguintes: Torá: Piriahãĩ; *Matanawí:* Piriahál; Múra do Manicoré; Piriahĩ, Mundurukú: Pinyáha: Parintintin: *Iviryarohú,* senhores grandes das enviras, com referencia ás ligas que usam nos braços. Elles mesmo se chamam Pirahá. Os Torá e *Matanawí* distinguem entre Piriahãĩ e Yaháhã, designando com este ultimo nome uma horda que, segundo dizem, habitou no Rio Branco, cabeceira oriental do Rio Marmellos, e cujos ultimos sobreviventes se uniram com os Piriahãĩ.

Não ha tradição que os Pirahá tivessem jamais abandonado a região que ainda hoje occupam, isto é, o Estirão Grande do Marmellos, pouco abaixo da bocca do Maicy, e o curso inferior deste ultimo rio. O seu numero é de noventa e tantos. Em 1921 o Serviço de Proteção aos Indios fundou entre elles um posto que lhes tem prestado assistencia, mas, felizes na sua pobreza, estes indios até hoje pouco tem ligado ás vantagens da civilisação e, exepção feita das ferramentas, quasi não se encontra entre elles signal de contacto permanente com os civilizados. São extremamente indolentes, mas affaveis e pacificos, tanto que não me consta de nenhuma hostilidade contra os civilizados, invasores dos seus castanhaes, apezar dos frequentes abusos que estes intrusos commettem. Tiveram, porém, os Pirahá, em tempos antigos uns encontros sangrentos com os *Matanawi* e, quando no verão subiam o Maicy em procura de ovos de tracajá, por vezes tiveram luctas com os Parintintin.

Os Matanawí

Muito pouco se sabia sobre esta tribu quando ella ainda occupava as suas malocas no centro do sertão entre o Tapajoz e o Madeira. Pela primeira vez cita-a o P. Monteiro Noronha (XXXI, 30: Matanaui) em 1768. Castelnau achou-a mencionada num manuscripto que se refere provavelmente á situação das tribus no começo do seculo XIX (IX, t. 3, 116: "Mitandues"; erro de transcripção de d por a!), com a observação: Habitam perto do Salto Augusto (Tapajoz). No seu Atlas elle os colloca entre o Alto Tapajoz e o São Manoel, abaixo do Salto Augusto, no Rio São Thomé. Nesta forma errada o nome passou para as obras de Martius (XXVII, 208) e do Barão de Melgaço (XXVIII, 394). A tribu

acha-se tambem citada como habitante no Marmellos e Aripuanã num artigo do "Diario do Gram Pará" de 1884 (X; v. XXXVIII, os artigos Araxiá e Aripuanã), como Matanaués e Matanaui; nos relatorios dos Presidentes Correa de Miranda (XIII) em 1852: Matanaués, e Angelo Tomaz de Amaral (III) em 1857: Matanaús, e por Orton (XXXVI) em 1873: Matanaúi. Provavelmente no começo do seculo XIX os *Matanawí* foram na sua sede primitiva atacados pelos Mundurukú, o que fez emigrar ao menos uma parte da tribu para o Oeste onde se alliou aos Torá do Marmellos, compartilhando desde então da sorte daquella horda. Em 1922 existiam no meio dos Torá ainda 3 sobreviventes desta tribu de sangue puro, além de alguns mestiços; mas só um velho sabia ainda a lingua primitiva, e com elle organizei o meu vocabulario.

Talvez pertençam os indios que tem apparecido no Rio Machadinho, affluente occidental do Castanha (= Roosevelt), vindo do Sul ou Sudeste, a algum bando desta tribu que se conservou na sua sede primitiva.

Castelnau, numa observação que faz no seu vocabulario Apiacá, diz (IX, tomo 5, 276) que os Tapanhunas e Moutoniway (= *Matanawí)* fallam a mesma lingua (dos Apiaká), o que, com relação aos primeiros, provou não ser exacto.

Os "Tupí" do Alto Machado Cabahiba / Kawahib

Infelizmente não conheço os relatorios da Commissão Rondon que devem tratar do estabelecimento das primeiras relações com estes bandos (de 1911 em deante?), de maneira que tenho como fontes de informação sómente o curto capitulo que delles trata no livro A Missão Rondon (XXIX, 345), de onde consta que aquelle grande bemfeitor dos indios estabeleceu relações com tres destes bandos: os Parna-uats, Taquateps e Ipòt-uats. O meu segundo informante, a quem alias bem poucos dados devo, foi o indio Zacharias Tupy, entrevistado por mim num hospital de Manáos. O terceiro é meu fiel e sympatico companheiro na segunda parte da pacificação dos Parintintin em 1922-1923, o indio Horacio Mangory, que me deu as seguintes informações:

A auto-denominação commum de todos estes bandos Tupí é Kawahib, o que prova serem elles, tanto como os Parintintin, os destroços da antiga tribu Cabahiba do Alto Tapajoz, destroçada pelos Mundurukú (XXXIV, Cap. 4).

O centro destes bandos é a bacia do Riozinho, affluente da margem direita do Alto Machado, para onde elles se refugiaram

dos extractores de borracha que os expulsaram da suas malocas no "Paranatín" (= Rio Branco, affluente da margem esquerda do Alto Castanha?). Horacio Mangory não me deu o nome distinctivo do bando a que elle proprio pertence e que habita na margem esquerda do Riozinho, 10 (?) dias de viagem acima da sua foz. Elle conheceu pessoalmente o meu outro informante, Zacharias Tupy e explicou que o seu bando, chamado *Wirafèd,* habitava mais acima, no Yakuruvevé, affluente da margem direita do Riozinho. A familia do Zacharias foi extraviada para o Rio Urupá onde teve um encontro com os civilizados do qual resultou a sua dispersão. A horda Paranawad habita num affluente da margem direita do Alto Riozinho. A horda *Takwatib Eriwahún* (Coronel Abaiytará) está collocada fóra, na margem do proprio Rio Machado.

Em seu relatorio sobre a exploração e o levantamento do Anary e do Machadinho, falla o Capitão Nicolau B. Horta Barzoza de um outro bando Tupi que do Rio Branco, affluente do Jamary, se refugiou para a zona daquelles dois rios, affluentes da margem esquerda do Machado, onde teve diversos encontros hostis com os seringueiros. Em 1916-1917, aquelle official muito se esforçou para estabelecer as pazes com esta horda com a qual elle e os seus auxiliares tiveram 4 encontros, conservando-se os indios em todos francamente hostis (XXV, 10, 27/30). O curto vocabulario — 6 palavras apenas — não permite uma conclusão a respeito do connexão desta horda com os Kawahíb, o que alias é provavel pelo seu habitat e os poucos dados ethnographicos que o autor nos fornece.

Os Ntogapíd

Em 1921 encontrei em casa do inspector dos indios de Manaos duas crianças de uma tribu da qual nem o nome sequer figura em publicação alguma. Esta tribu dos *Ntogapíd* ou Intogapid habita na região superior do Madeirinha, affluente da margem esquerda do Rio Castanha ou Roosevelt, onde o Serviço de Proteção aos Indios mantem no meio della um posto. Relativo á sua historia achei no archivo daquella inspectoria, sómente uma carta do encarregado do posto, communicando em 1920 que peruanos vindos do lado do Rio Machado tinham destruido no anno anterior as malocas Ité-bemã e Macaha-ku dos "Ito-puhs", matando mais de 50 indios, e que agora os mesmos peruanos estavam guerreando as malocas dos tuxauas Inakiretone, Patonema e Canamãma, destruindo tudo. Pelas optimas photoghaphias que desta tribu possue aquella repartição, parece-me possivel um parentesco della com os Urumi do Rio

Tarumá, affluente da margem direita do Rio Machado (XXIX, 353). As poucas palavras que contem o meu vocabulario foram as unicas de que os meus pequenos informantes ainda guardavam lembrança. Apezar de ser o material mais que deficiente para uma comparação- torna-se evidente a identidade liguistica dos *Ntogapíd* e dos Rama-rama, tribu esta quasi extincta, habitante do Rio Machadinho, affluente da margem esquerda do Machado, e de cuja lingua o Capitão Nicolau Horta Barboza no seu relatorio citado (XXV, 25) dá uma lista de 15 palavras.

	Ntogapíd.	Rama-rama.
Nome da tribu	*íntoga-pid*	*ytangá*
Agua	*icí*	*utiu*
Fogo	*caná*	*tianá*
Sol	*cawab*	*cananchiá-uáp*
Lua	*wën*	*ué-na*
Banana	*iwägá*	*iuá*
Milho	*naiá*	*nan-ian*
Macaxera	*manína*	*mani-na*
Patata	*yabú*	*petica* (Tupí: *yetika*)
Coma!	*noga*	*petica* (Tupí *yetíka*)

Bibliographia

I. ALBUQUERQUE LACERDA, Adolpho de Barros Calvacante de: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas,* 1864.

II. Idem: idem, 1865.

III. AMARAL, Angelo Tomaz de: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas,* 1857.

IV. ANONYMO: *Descripção geographica da Capitania de Matto Grosso,* 1757. Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. XX. 1857.

V. ANONYMO: *Viagem.....do Rio Negro até Villa Bella (1781).* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. XX. 1857.

VI. ANONYMO: *Illustração necessaria e interessante relativa ao gentio da nação Mura. 1826.* Documentos para a historia e ethnographia do Pará. Copiado no Rio de Janeiro pelo Dr. R. R. Schuller. 1912. MS. no Museu Goeldi.

VII. *Archivo da Inspectoria do Serviço de Protecção aos Indios no Amazonas e Acre.* MS. Manáos.

VIII. BRINTON, Daniel G.: *The American Race. Philadelphia,* 1901.

IX. CASTELNAU, Francis de: *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud. Histoire du voyage.*

X. CAYMARI, B., J. Gualdino e D. Olympío: *A Amazonia.* Diario do Grão Pará, 30. X. 1884. — V. Moreira Pinto.

XI. CAZAL, Ayres: *Coreographia Brasilica.* Rio. 1817.

XII. COELHO, Jeronymo Francisco: *Relatorio do Presidente da Provincia do Gram Pará.* 1849.

XIII. CORREA DE MIRANDA, Manoel Gomes: *Relatório do 1º Vice-Presidente da Provincia do Amazonas.* 1852.

XIV. Idem: idem. 1856.

XV. Idem: idem. 1860.

XVI. DANIEL, P. João: *Parte segunda do Thezouro descoberto no Rio Amazonas.* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. III. 1841.

XVII. DIAS VIEIRA, João Pedro: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1856.

XVIII. FERREIRA MARQUES, Leonardo: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1868.

XIX. FERREIRA PENNA, Herculano: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1853.

XX. Idem: idem. 1855.

XXI. FERREIRA SILVA, Tenente Octavio Felix: *Exploração e levantamento do Rio Jamary.* Commissão de Linhas telegraphicas estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação N. 57. Annexo N. 2. Rio, 1920.

XXII. FONSECA, José Gonçalves da: *Primeira exploração do Rio Madeira e Guaporé em 1749,* in: Candido MENDES DE ALMEIDA: *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão.* Tomo II. Rio. 1874.

XXIII. FONSECA, João Severiano da: *Viagem ao redor do Brasil.* Tomo II. Rio. 1877.

XXIV. FONSECA COUTINHO, Antonio Carlos de: *Noticia de voluntaria reducção de paz e amizade da feroz nação do gentio Mura nos annos de 1784, 1775 e 1776.* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. XXXVI. 1873. 1ª parte.

XXV. HORTA BARBOZA, Capitão Nicolau Bueno: *Exploração e levantamento dos rios Anary e Machadinho.* Commissão de Linhas telegraphicas estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas. Publicação N. 48, Annexo, N. 2. Rio.

XXVI. LACERDA E ALMEIDA, Francisco José de: *Diario da viagem pelas Capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e São Paulo. 1780-1790.* São Paulo, 1841.

XX I. MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von: *Beitraege zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens.* I. Leipziz. 1867.

XXVIII. MELGAÇO, Barão de: *Apontamentos para o Diccionario Chorographico da Provincia de Matto Grosso.* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. XI. VIII, 1884.

XXIX. *Missão Rondon.* Rio. 1916.

XXX. MONTEIRO, Domingos Jacy: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1877.

XXXI. MONTEIRO NORONHA, P. José: *Roteiro da viagem da cidade do Pará até as ultimas colonias do sertão da Provincia. 1768.* Pará. 1862.

XXXII. MONTEIRO PEIXOTO, Domingos: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1874.

XXXIII. MOREIRA PINTO, Alfredo: *Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil.* I. Rio. 1894.

XXXIV. NIMOENDAJÚ, Curt: *Bruchstuecke aus Religion und Ueberlieferung der Sipáia-Indianer.* Anthropos. XVI-XVII. Wien. 1921-1922.

XXXV. Idem: *Os Indios Parintintin.* Journal de la Société des Américanistes de Paris. Nouvelle Série, Tome XV. Paris. 1924.

XXXVI ORTON, James: *The Andes aud the Amazons.* New York.

XXXVII. RAMOS FERREIRA, Gustavo Adolpho: *Relatorio do 1º Vice-Presidente da Provincia do Amazonas.* 1866.

XXXVIII. RIBEIRO SAMPAIO, Francisco Xavier: *Diario de viagem que em vizita e correição das povoações da capitania de São José do Rio Negro fez o ouvidor e intendente geral da mesma,..., no anno de 1774 e 1775.* Lisboa. 1825.

XXXIX. SÃO JOSÉ, D. Fr. João de: *Viagem e Vista do Sertão em o Bispado do Gram Pará em 1762-1763.* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. IX. 1847.

XL. SILVA REIS, José de Miranda: *Relatório do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1871.

XLI. SOUTHEY, Robert: *Historia do Brasil.* Rio. 1862. Tomo V.

XLII. SOUZA, Conego André Fernandes de: *Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro no grande Rio Amazonas.* Rev. do Inst. Hist. Geogr. Rio. X. 1870.

XLIII. TENHEIRO ARANHA, João Baptista de Figueiredo: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas,* 1852.

XLIV. WILKENS DE MATTOS, João: *Relatorio do Presidente da Provincia do Amazonas.* 1870.

Seguem listas de vocabulário Torá, de Urupá, de Múra, de Múra-Pirahá, de Matanawí e de Ntogapíd para as quais remetemos o leitor às fontes de onde o texto foi transcrito.